



## 16 DE JUNHO DE 2015

### Terça-feira

- GM coloca mais 6,2 mil metalúrgicos em férias coletivas
- Com férias coletivas, GM interrompe toda produção de carros no Brasil
- Há cinco meses a inflação dos alimentos sobe acima da renda
- Mudanças simples reduzem a conta de luz
- Câmbio e crise favorecem compras e fusões no setor elétrico
- Déficit de hidrelétricas deve crescer no 2º semestre
- Crise derruba investimentos dos estados em 46%, diz Folha
- Demissões já atingem 9% dos metalúrgicos da Grande São Paulo
- Endividamento das famílias chega a 46,3% da renda, o maior nível já registrado pelo BC
- Rendimento real da poupança em 12 meses é o pior desde 2003
- Por dentro da VLI, empresa de logística criada pela Vale
- Os gargalos de infraestrutura podem virar o motor de crescimento?
- Programa federal de concessões prevê apenas R\$ 11 bilhões para o Paraná
- Brasil e Chile debatem acordos bilaterais de comércio e investimento
- Banco VW conclui emissão de R\$ 500 milhões em letras financeiras
- Vendas globais da Audi têm alta de 4,3%
- Brasil ajuda a derrubar comércio, diz OMC
- Visteon conclui venda de sua participação de 70% na HVCC
- Painéis solares flexíveis são vendidos por metro
- Fiesp vai à Justiça para evitar aumento da conta de água
- Volvo Financial Services anuncia novo presidente no Brasil
- IGP-10 acelera alta a 0,57% em junho por preços no varejo
- Itaú aposta em títulos da CSN, apesar de perspectivas ruins
- Executivos brasileiros são os mais pessimistas, aponta pesquisa

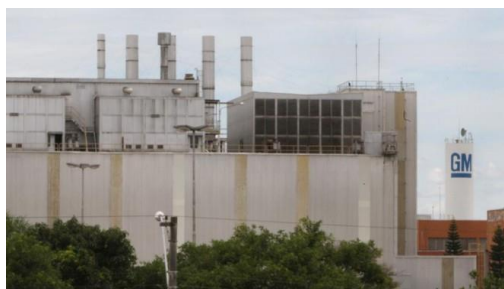
- A China vai importar mais minério de ferro em 2015
- Canadense MBAC pode falir: causas judiciais somam mais de US\$16,6 milhões
- Vale em Moçambique adota prática sustentável em suas operações
- Montadoras paralisam metade das fábricas
- Fiat dará férias coletivas para 12 mil funcionários

CÂMBIO EM 16/06/2015		
	Compra	Venda
Dólar	3,109	3,109
Euro	3,495	3,497

Fonte: BACEN

### GM coloca mais 6,2 mil metalúrgicos em férias coletivas

16/05/2015 – Gazeta do Povo



A General Motors colocou outros 6,2 mil metalúrgicos em férias coletivas nesta segunda-feira (15) somando as plantas de São José dos Campos (SP) e de Gravataí (RS), devido à baixa demanda e estoques elevados, segundo sindicatos de trabalhadores.

Cerca de 4,5 mil funcionários da unidade de Gravataí estão parados, afetando a produção dos modelos Prisma, Onix e Celta.

“Calculamos que por conta das férias na GM outros 5,5 mil sistemistas de produção tenham sido afetados e paralisaram suas atividades”, disse a secretária executiva do sindicato dos metalúrgicos de Gravataí, Taciê Dias. A estimativa é que só neste ano cerca de 900 empregados tenham sido liberados pela GM na região.

Cerca de 1,7 mil funcionários da unidade da São José dos Campos também entraram em férias coletivas nesta segunda-feira, segundo o sindicato da categoria na região, devido aos estoques acima do desejado diante da fraca demanda no país.

Nessa mesma unidade, já há cerca de 780 metalúrgicos com contratos de trabalho temporariamente suspensos (layoff).

Em ambos os casos, os funcionários ficarão fora de atividade até 30 de junho. A unidade da GM de São José dos Campos tem cerca de 5,2 mil empregados.

Até agora a produção era de 18 veículos por hora, de acordo com o sindicato.

“Estão mantidas apenas as produções de kits para exportação conhecidos como CKD, motores e transmissores”, disse uma fonte do sindicato.

Em São Caetano do Sul, na região metropolitana de São Paulo, os 5,5 mil metalúrgicos da unidade entraram em férias coletivas a partir do dia 11 até dia 26, segundo o sindicato.

Nessa unidade, a montadora produz os modelos Cruze, Cobalt, Montana e Spin.

“Está tudo parado desde o começo do mês. Estamos preocupados com possíveis demissões”, disse à Reuters o líder do sindicato dos metalúrgicos de São Caetano do Sul, Aparecido da Silva.

Segundo ele, cerca de 1,4 mil empregados da unidade foram desligados, incluindo os de programa de demissão voluntária.

Procurada, a GM do Brasil confirmou as férias coletivas, sem informar o número de funcionários.

## **Com férias coletivas, GM interrompe toda produção de carros no Brasil**

16/05/2015 – Gazeta do Povo



A General Motors, dona da Chevrolet, interrompeu sua produção de veículos no Brasil nesta segunda-feira (15), com o início das férias coletivas para funcionários das linhas de montagem nas unidades de Gravataí (RS) e São José dos Campos (SP), segundo informações dos sindicatos locais.

A sede, em São Caetano do Sul (SP), já estava com a produção suspensa desde o início do mês, para adequar a produção à queda da demanda.

A montadora é a segunda a parar a produção neste ano. Na semana passada, a Fiat deixou em casa os 19 mil trabalhadores da fábrica de Betim (MG). Eles retomaram as atividades nesta segunda.

Em balanço publicado na última terça (9), o G1 contabilizou mais de 35 mil trabalhadores parados em montadoras, devido a medidas tomadas para reduzir a produção em virtude da queda nas vendas.

## Fábricas da GM

A GM não confirma oficialmente o número de trabalhadores parados, mas ele se aproxima de 19 mil, entre os que estão em férias coletivas e os que tiveram contratos suspensos temporariamente, segundo informações dos sindicatos.

Em Gravataí, as férias coletivas para 10 mil funcionários se estenderão até 29 de junho. Cerca de 16 mil carros estão nos pátios da unidade, que produz os modelos Onix, o mais vendido da Chevrolet, Prisma e Celta, que está para se "aposentar".

A fábrica na região metropolitana do Porto Alegre era a única das 3 da multinacional que não tinha adotado medidas para reduzir a produção neste ano.

Em São José dos Campos, na região do Vale do Paraíba, 1,7 mil empregados também entraram em férias coletivas nesta segunda-feira e ficam em casa até 30 de junho. Segundo o sindicato local, as duas linhas de montagem que fazem os modelos S10 e Trailblazer estão paradas.

## Há cinco meses a inflação dos alimentos sobe acima da renda

16/05/2015 – Gazeta do Povo

***Alta dos produtos in natura, de 8,8% em 12 meses até maio, foi maior do que o ritmo da renda, que cresce a 6,3% ao ano***

Os custos relacionados à alimentação, que respondem por um quinto do orçamento das famílias brasileiras, vêm subindo acima da renda há cinco meses. Em março, de acordo com o último dado disponível sobre rendimento, essa diferença alcançou um novo patamar: dois pontos percentuais.

Os preços do grupo Alimentação e Bebidas, no âmbito do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), acumularam alta de 8,19% em 12 meses até março. Já a renda nominal cresceu 6,28% no mesmo período. Para o cálculo, foram considerados números do IBGE.

Em maio, os economistas esperavam uma desaceleração dos alimentos e bebidas, mas variações climáticas afetaram a safra e o grupo teve a maior variação do IPCA. O avanço em 12 meses passou para 8,80% – acima do índice geral, que ficou em 8,47%.

“A principal surpresa foi a alta dos alimentos in natura, como tomate e outros legumes. Isso aconteceu porque esses produtos são muito suscetíveis a oscilações climáticas, o que causa um grande problema de oferta”, explicou o economista da LCA Consultores Étore Sanchez. Apenas em 2015, a cebola dobrou de preço e o tomate acumula alta de 80%.

Segundo o economista, é comum que o preço de alimentos in natura suba no início do ano e passe a se recompor a partir de maio, o que não se confirmou.

## Orçamento

Cortar gastos e readequar o orçamento, portanto, ficou mais difícil. Além dos alimentos, o brasileiro está gastando mais para pagar as contas de luz e água -itens essenciais no dia a dia.

Para começar o corte, o ideal é olhar para o passado. “Uma boa lição de casa é pegar as últimas seis faturas do cartão de crédito e agrupar os gastos”, recomenda o professor do Insper Ricardo Humberto Rocha.

Ele também indica observar a renda declarada no Imposto de Renda. “Quando olhamos a renda agregada, temos a real dimensão do quanto ganhamos e nos perguntamos para onde foi o dinheiro”, diz.

Uma das formas de repensar as despesas é dividi-las no grupo ABCD (alimentos, básicos, contornáveis e dispensáveis), sugere o coordenador do Centro de Estudos em Finanças da Fundação Getulio Vargas, William Eid Junior.

No caso dos alimentos, vale a regra da substituição do mais caro pelo mais barato. Nos itens básicos, como energia, é mais difícil haver cortes. A alta dos preços administrados pelo governo, inclusive, é o principal motivo para a inflação ter se afastado do centro da meta, de 4,5%, e do topo, de 6,5%.

A alimentação fora de casa, que nos últimos 12 meses subiu 10,5%, se enquadra nos itens contornáveis. Além da alta do preço da matéria-prima, os restaurantes estão acrescentando na conta o aumento de outros custos, como água e energia. Neste caso, vale estabelecer limites de gastos, mas nada radical.

“A pessoa pode começar a sair só no sábado em vez de todo o fim de semana. Ajustes muito severos tendem a ser quebrados no longo prazo”, diz Rocha. Nos produtos dispensáveis entra, por exemplo, o consumo por impulso, que precisa ser evitado.

À medida que os preços sobem, o poder de compra cai. Para o ano, a LCA prevê queda de 0,5% da renda, descontada a inflação pelo INPC, do IBGE. Se confirmado, será o primeiro recuo em 12 anos.

“Mas se o momento é ruim para o consumo, para o investimento é ideal. Há bancos com CDBs que rendem mais de 100% do CDI e títulos do Tesouro que pagam 6% mais inflação”, diz Rocha.

## **Mudanças simples reduzem a conta de luz**

16/05/2015 – Bem Paraná

A tarifa de energia elétrica aumentou e o brasileiro já sentiu o peso na conta de luz. Para quem mora em condomínio residencial, não adianta cuidar apenas do próprio apartamento, os desperdícios em áreas comuns também podem trazer surpresas desagradáveis no fim do mês.

Mas contornar o aumento tarifário é possível. Com reformas estruturais e mudanças no consumo dos moradores, alguns síndicos já conseguiram até mesmo reduzir os gastos com energia.

A primeira medida é a substituição das lâmpadas comuns por modelos de LED, que aparentemente têm investimento alto, mas com retorno na forma de economia bem rápido. O custo de uma lâmpada deste tipo é recuperada em poucos meses.

Outra forma de economizar em energia elétrica é a instalação de sensores de presença nas áreas comuns, o que evita que a luz fique acesa sem ninguém no ambiente.

O elevador é outro vilão do consumo de energia. Mas ele pode ter um uso mais econômico, de acordo com Omar Anauate, diretor de condomínios da Associação das Administradoras de Bens Imóveis (Aabic).

"Os elevadores mais novos são mais econômicos porque consomem menos energia e têm um sistema eletrônico inteligente, que manda para o andar o elevador que estiver mais perto."

Outras modificações para economizar energia podem ser feitas nos motores das bombas de água e nos sistemas de aquecimento de piscinas (nos empreendimentos que os possuem). Antes de optar pela reforma, porém, o ideal é consultar um profissional especializado.

"Quando você tem um furo no cano, você vê a água escorrer pela parede. Mas no caso da energia, o desperdício não é visível", diz o especialista em eficiência energética Aparecido Carvalho.

### **Veja como economizar**

Um condomínio de São Paulo trocou gradualmente as 72 lâmpadas das áreas comuns e reduziu os gastos praticamente à metade. A conta que antes era de R\$ 3.700 chegou a R\$ 1.800.

O investimento nos produtos e mão de obra foi de R\$ 11 mil. A troca foi encerrada em março e o condomínio já conseguiu 70% dos gastos de volta com a economia na conta de luz

A tarifa de energia é mais cara entre 17 e 21 horas, por essa razão é mais produtivo que os elevadores sejam ligados no gerador (se houver) no período da noite.

Mais baratas e efetivas que reformas estruturais ou adaptações, são a revisão e manutenção. "Não existe melhor prevenção do que fazer uma revisão periódica nas instalações", diz o vice-presidente de Administração Imobiliária e Condomínios do Sindicato da Habitação (Secovi-SP), Hubert Gebara

O especialista em eficiência energética Aparecido Carvalho relembra que as instalações elétricas têm vida útil. "Cabos velhos podem exigir mais energia do que o necessário. Uma simples manutenção nos cabos e quadros de energia já resulta em economia".

Serviços mais simples, como a troca das lâmpadas, podem custar em torno de R\$ 5 mil (variando conforme o tamanho da área comum e do condomínio) e trazem uma economia média de 20%. "Quando as modificações são maiores, a economia pode chegar a 50%.

## **Câmbio e crise favorecem compras e fusões no setor elétrico**

16/05/2015 – Exame



O Brasil já registra mais fusões e aquisições no setor elétrico neste ano, uma tendência que deve se repetir ao longo do segundo semestre, com grandes grupos internacionais e fundos de private equity aproveitando oportunidades no país em um momento de real desvalorizado e crise de oferta de energia, segundo especialistas.

O país somou 23 operações de fusões e aquisições entre janeiro e o início de junho, contra 19 registradas no primeiro semestre completo do ano passado, apontou levantamento da Price Waterhouse Coopers (PwC), com investidores de olho no preço da energia, que tem se mantido mais alto tanto no mercado de curto prazo quanto nos leilões realizados pelo governo, para entrega nos próximos anos.

A presença estrangeira tem crescido nos negócios, com participação em 44 por cento dos acordos fechados em 2015, contra 26 por cento em 2014, disse o sócio da PwC Brasil André Castelo, em entrevista à Reuters.

"As operações envolvendo energia eólica são o carro-chefe, respondendo por cerca de 30 por cento do total", ressaltou ele, referindo-se ao maior interesse de estrangeiros nesses ativos de energia renovável.

Castelo apontou o segmento de geração como o que mais atrai investidores, seguido por transmissão e distribuição.

Já o sócio da consultoria EY Marcos Quintanilha acredita que a retomada dos acordos é puxada por esses motivos pontuais do setor no país, e não está associada a um fluxo de maior otimismo com a economia do Brasil.

"O ano de 2014 foi muito fraco em termos de volume de transações, provavelmente por receio dos investidores em relação à estabilidade das regras e da regulação depois da Medida Provisória 579/12 e suas consequências", analisou.

Analistas e advogados especializados em fusões e aquisições ouvidos pela Reuters acreditam que empresas chinesas com presença no país podem fechar em breve novas aquisições nas áreas de geração e transmissão. Nesse segundo segmento, há também empresas espanholas de olho em negócios.

Outras companhias que anunciaram investimentos recentes no país, como a norte-americana SunEdison e a gestora canadense de recursos Brookfield, são apontadas como agentes que devem manter o interesse em ativos brasileiros.

## **Lava-jato**

Também é esperado que empresas investigadas pela Operação Lava Jato, da Polícia Federal, partam para a venda de ativos para fazer caixa, em meio às dificuldades criadas pelas investigações sobre suas atividades, o que pode impulsionar acordos de fusões e aquisições.

A Petrobras tem um plano de desinvestimentos de até 13,7 bilhões de dólares em 2015 e 2016, no qual 40 por cento devem ser obtidos pela área de Gás & Energia. A Eletrobras, que anunciou recentemente a contratação de um escritório de advocacia para investigar eventuais irregularidades em seus empreendimentos, também deverá ir ao mercado, oferecendo empresas de distribuição e participações minoritárias em Sociedades de Propósito Específico (SPEs).

"Com certeza, haverá interessados. Tudo depende de valores, mas haveria, sim, apetite. São ativos que na mão de quem sabe gerenciar podem fazer toda a diferença", afirmou o sócio do escritório de advocacia Pinheiro Neto José Oliva.

Além das estatais, construtoras envolvidas na Lava Jato também devem engrossar o movimento de aquisições, ao colocar no mercado projetos de suas divisões de energia elétrica. A Engevix, por exemplo, já vendeu a participação em empresas de transmissão e geração neste ano.

## Private Equity

De acordo com a PwC, fundos de private equity responderam por 35 por cento das transações de fusões e aquisições de ativos de energia elétrica até junho de 2015, contra 22 por cento ao longo de todo o ano de 2014. "Sem dúvida, agora é o momento dos fundos, tanto locais quanto internacionais.

Eles têm feito muitas captações e estão com recursos disponíveis para investimento. Hoje eles têm mais experiência em Brasil e devem ser players interessantes nesse mercado, uma vez que o setor privado institucional está com menos apetite nesse momento", explicou o advogado Robertson Emerenciano, sócio do escritório Emerenciano, Baggio e Associados.

A Positiva, empresa de energia criada por ex-executivos da ex-MPX (hoje Eneva) que recebeu aporte de um fundo do banco inglês Barclays, considera que essas operações podem ser um mecanismo importante para apoiar as companhias em um momento em que o financiamento está mais escasso. "Existe um grupo de fundos olhando o Brasil com lupa.

A combinação de um real mais barato com o setor elétrico um pouco combalido dá um cenário interessante para a atuação deles, que têm o DNA de entrar em um momento de baixa para recuperar valor", afirmou Leandro Cunha, diretor financeiro da Positiva.

## Déficit de hidrelétricas deve crescer no 2º semestre

16/05/2015 – Exame



As empresas de geração hidrelétrica deverão aumentar seu déficit financeiro no segundo semestre em função da forma como distribuíram a energia comercializada ao longo do ano, disse nesta segunda-feira o secretário-executivo do Ministério de Minas e Energia (MME), Luiz Eduardo Barata, durante evento em São Paulo.

Segundo ele, o governo tem conversado com associações do setor para negociar uma solução.

"Vamos buscar fazer com que ninguém saia perdendo demais", disse Barata.

O assunto está em discussão em audiência pública na Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel).

Ao mesmo tempo, o MME também busca equacionar a situação de indústrias com alto consumo de eletricidade no Nordeste que compram energia subsidiada da Chesf em contratos que vencem em 30 de junho.

"Não posso adiantar, mas estamos em busca de uma solução que será boa para os consumidores e que não onere as outras partes", disse Barata.



Entre as empresas que possuem contratos com a Chesf, empresa do grupo Eletrobras, estão Gerdau, Vale, Braskem, Dow, Paranapanema, Ferbasa e Mineração Caraíba.

As empresas têm pressionado o governo para uma solução, preocupadas com o elevado preço da energia no mercado, muito acima dos 110 megawatt-hora (MWh) que pagam hoje à Chesf.

### **Crise derruba investimentos dos estados em 46%, diz Folha**

16/05/2015 – Exame



A crise econômica e a queda de arrecadação não estão afetando apenas o governo federal.

De acordo com levantamento do jornal Folha de São Paulo, o volume de investimento nos 26 estados mais o Distrito Federal caiu 46% nos primeiros quatro meses do ano.

O valor investido de janeiro a abril foi de R\$ 11,3 bilhões no ano passado (corrigido pela inflação) para R\$ 6,2 bilhões este ano.

Dos 10 estados mais ricos, só Bahia elevou investimentos. O corte foi quase total em estados como Distrito Federal (queda de 91%) e Minas Gerais (queda de 97%).

Como a despesa com pagamento de pessoal e serviço da dívida são rígidas e obrigatórias, os investimentos acabam sendo as primeiras vítimas de cortes em momentos de ajuste fiscal, apesar de serem eles que aumentam a capacidade produtiva da economia ao longo do tempo.

Os dados do PIB do 1º trimestre mostraram uma queda de 1,3% do investimento total da economia em relação ao trimestre anterior e 7,8% em relação ao mesmo período do ano passado.

### **Demissões já atingem 9% dos metalúrgicos da Grande São Paulo**

16/05/2015 – Exame



De janeiro até agora, 9% dos metalúrgicos da Grande São Paulo perderam o emprego. Foram cerca de 30 mil demissões, de uma base composta até então por 335 mil trabalhadores. Boa parte desse contingente é de funcionários de autopeças e fabricantes de máquinas.

"No ano passado, no mesmo período, foram mais ou menos 4 mil demissões, mas a maioria era reposição; já este ano são cortes e não há contratações", diz o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo e da Força Sindical, Miguel Torres.

Durante toda a semana, a Força Sindical promoveu manifestações em diversos bairros da capital paulista em protesto contra as demissões ocorridas entre os metalúrgicos nas cidades de São Paulo, Mogi-Guaçu, Poá, Guararema, Biritiba-Mirim, Guarulhos, Osasco, Santo André e São Caetano do Sul. "Daqui pra frente, qualquer demissão que ocorrer vamos parar a fábrica", diz Torres.

Segundo ele, há alternativas ao corte, como férias coletivas e lay-off (suspensão temporária dos contratos de trabalho). Ele admite, porém, que o quadro econômico é complicado e lamenta que o Banco Central tenha sinalizado que os juros vão continuar subindo, o que pode retrainir ainda mais a economia.

### **Montadoras**

Novo grupo de montadoras anunciou paradas em razão da queda das vendas. No Rio de Janeiro, MAN Latin America, Nissan e PSA Peugeot Citroën anunciaram férias coletivas e lay-off.

Segundo o diretor do Sindicato dos Metalúrgicos do Sul Fluminense, Bartholomeu Citeli, a fabricante de caminhões MAN encerrou o segundo turno de trabalho na fábrica de Resende e colocará 600 funcionários em lay-off. Os cerca de 800 trabalhadores do primeiro turno vão continuar operando com jornada e salários reduzidos em 10%.

Na PSA, em Porto Real, entre 700 e 800 funcionários ficarão em casa por três semanas a partir de segunda-feira. Na Nissan, inaugurada no ano passado também em Resende, a produção de automóveis será interrompida entre 24 de junho e 12 de julho, com a dispensa de cerca de 1 mil a 1,2 mil trabalhadores. Neste ano, até maio, as montadoras eliminaram 6,3 mil postos de trabalho.

A forte crise pela qual passa a indústria automotiva afeta também o segmento de autopeças. No primeiro quadrimestre, o nível de emprego no setor recuou 10,61% em relação a igual período do ano passado.

Só em abril, a queda foi de 11,72% em relação ao mesmo mês do ano passado, segundo dados do Sindicato Nacional da Indústria de Componentes para Veículos Automotores (Sindipeças). As informações são do jornal O Estado de S. Paulo.

### **Endividamento das famílias chega a 46,3% da renda, o maior nível já registrado pelo BC**

16/05/2015 – O Globo



Apesar do aperto do crédito feito pelo Banco Central para conter a inflação, o endividamento das famílias quebrou novo recorde. A percentagem da dívida em relação à renda anual subiu de 46,2% para 46,3% em abril: a maior já registrada pelo Banco Central desde quando a autarquia começou a registrar os dados há dez anos. Esse aumento do endividamento das famílias reflete um crescimento do crédito imobiliário. Os

números do BC revelam que houve leve queda do endividamento que exclui o financiamento da casa própria de 27,73% para 27,61% em abril.

O comprometimento de renda das famílias, ou seja, a parcela da renda que servirá para pagar dívidas naquele mês, teve uma leve alta. Passou de 21,97% para 21,98%. Se descontar a parcela do financiamento da casa própria, o peso da dívida caiu de 19,64% para 19,6%.

Por causa das altas de juros, todo o tipo de crédito para as famílias ficou mais caro. E os bancos já não emprestam mais como antes. O crédito – que funcionou como combustível para o crescimento da economia brasileira nos últimos anos – estagnou em abril.

O volume total dos empréstimos no Brasil cresceu somente 0,1%: a pior taxa para o mês de abril desde quando o BC começou a registrar os dados em 2007.

## **Rendimento real da poupança em 12 meses é o pior desde 2003**

16/05/2015 – O Globo

Quem tem aplicação na caderneta de poupança perdeu dinheiro pelo sexto mês seguido em maio, segundo levantamento da Economática. O rendimento real – aquele que desconta as perdas com a inflação – ficou em -0,12% no mês passado.

### RENDIMENTO DA POUPANÇA

Em % no mês, descontada a inflação

0,150,60,310,020,180,11-0,24-0,64-0,62-0,68-0,1-  
0,12jun/14jul/14ago/14set/14out/14nov/14dez/14jan/15fev/15mar/15abr/15mai/15-  
0,75-0,5-0,2500,250,50,75

Fonte: Economática

Em 12 meses, a caderneta acumulou perda real de 1,06% – a maior perda aquisitiva desde outubro de 2003, quando o rendimento foi de -1,9%. Entre as aplicações avaliadas, o rendimento só ganha do Ibovespa, que teve perda real de 5,07%.

O melhor rendimento no período foi registrado pelo dólar, com ganho de 30,88%, seguido pelo ouro, com 24,04%.

Só este ano, a poupança teve perda real de 2,15%, o pior rendimento entre as aplicações consideradas, descontando a inflação. O ouro aparece como a melhor aplicação, com ganho real de 14,12%

## **Por dentro da VLI, empresa de logística criada pela Vale**

16/05/2015 – Exame



A VLI foi criada em 2010 para reunir, em uma só companhia, todos os ativos de carga geral da Vale. Basicamente, seu objetivo é integrar as ferrovias, terminais e portos pelos quais a empresa de logística transporta carregamentos de outras companhias. Em 2014,

parte da VLI foi vendida. Seu capital agora está distribuído entre a Vale (37,6%), a Brookfield (26,5%), a Mitsui (20%) e o FI-FGTS (15,9%). Ela tem clientes de diversos setores e movimenta grãos, açúcar, fertilizantes, produtos siderúrgicos e industrializados.

A produção de minério da Vale, porém, não é escoada pela VLI, mas por um sistema interno.

A empresa atua em 9 estados e no Distrito Federal por meio de cinco corredores logísticos que interligam as regiões Sudeste, Centro-Oeste, Norte e Nordeste do país.

A companhia engloba as ferrovias Norte Sul (FNS) e Centro-Atlântica (FCA), além de terminais intermodais, onde produtos são carregados e descarregados, e terminais nos portos de Santos (SP), São Luís (MA) e Vitória (ES).

Só no ano passado, a VLI faturou 3,7 bilhões de reais e movimentou 48,8 milhões de toneladas de carga em ferrovias e 27,4 milhões de toneladas em portos.

Nas fotos, conheça um pouco mais sobre empresa e veja imagens da oficina em que ela coloca seus trens no trilho.

## Os gargalos de infraestrutura podem virar o motor de crescimento?

16/05/2015 – Carta Capital



Em época de ajuste fiscal e desaceleração econômica, parece não haver uma solução simples para sair da crise no curto prazo. Para o governo, a aposta para a retomada é a infraestrutura, como ficou claro no lançamento do Programa de Investimentos em Logística (PIL).

Presente no evento *Diálogos Capitais: Infraestrutura*, promovido por **CartaCapital** nesta segunda-feira 15, em São Paulo, o ministro da Secretaria de Portos, Edinho Araújo, detalhou como o governo quer transformar deficiências históricas brasileiras em soluções.

"O Brasil possui gargalos de infraestrutura que dificultam a atividade econômica. Ao investir na solução desses problemas, melhoramos nossa competitividade no longo prazo e movimentamos a economia com obras", disse o ministro. Para tanto, o PIL, anunciado na terça-feira 9, é peça-chave.

Essas obras precisam ter foco, avaliam autoridades e especialistas presentes no evento. Atualmente, o Brasil possui uma grande desigualdade regional de infraestrutura, cujos reflexos são o encarecimento dos produtos e a redução da competitividade brasileira no cenário internacional. A situação do agronegócio, principal motor do PIB nos últimos tempos, deixa isso claro.

Nos últimos 50 anos, o agronegócio expandiu sua fronteira agrícola em direção ao norte do País, que é carente de infraestrutura. Por isso, os custos do transporte entre o local de produção e os portos no Sul e Sudeste subiram.

"No Brasil, gasta-se quatro vezes mais no transporte de produtos do que os Estados Unidos e Argentina", afirma Luiz Antônio Fayet, consultor em logística da Confederação Nacional da Agricultura (CNA).

"Poderíamos nos destacar mais se houvesse o investimento regional correto, em vez de jogar esse dinheiro no ralo insistindo em transportar tudo por caminhões", completa.

Estimativas indicam que o problema só tende a crescer se o diálogo entre governo e iniciativa privada não se fortalecer. Segundo as projeções da CNA, até 2020 o Brasil deve superar as exportações de alimentos dos Estados Unidos e assumir a liderança global do agronegócio.

No entanto, para que isso aconteça, alguns entraves devem ser solucionados. "Por incapacidade de arcar com os custos de transporte, o Brasil deixou de produzir 4 milhões de toneladas de soja e milho em 2014", afirma Fayet.

"Ao gastar bilhões com transporte, deixamos de reinvestir esse dinheiro em produção e na economia interna". Hoje, 90% dos custos envolvidos na produção de soja são pagos a outras empresas brasileiras.

Para Fayet, a solução passa primeiro pelo investimento na distribuição da infraestrutura pelo território nacional. "É preciso melhorar o escoamento regional dos produtos. O Brasil só tem a crescer, mas precisa fazer modificações em sua matriz de transportes", defende.

O discurso do dirigente da CNA parece alinhado com os projetos do governo, a julgar pelas características iniciais do Programa de Investimentos em Logística. Os projetos de ferrovias incluídos no PIL somam 86,4 bilhões de reais, mais do que rodovias (66,1 bilhões de reais), portos (37,4 bilhões) e aeroportos (8,5 bilhões).

Apresentado por Dilma Rousseff como "grande aposta para o crescimento do país", o PIL é um contraponto ao criticado ajuste fiscal. "O ajuste fiscal não é meta de governo, mas um caminho.

Após termos um maior equilíbrio nas contas, podemos reorganizar os investimentos para áreas que temos deficiências e que trazem maior competitividade para nossa economia", afirma o ministro Edinho Araújo.

## **Fortalecimento da indústria**

O sucesso do programa, no entanto, não depende apenas da melhoria logística do País, disse durante o evento o diretor do Instituto de Economia da Unicamp, Fernando Sarti.

"O programa é uma oportunidade única de promover investimento alavancando a indústria e a eficiência produtiva", afirma.

No entanto, é preciso assegurar que as obras tenham forte conteúdo nacional. "Não adianta acelerar os gastos com infraestrutura se isso significar demanda para coreanos e chineses", pontua Sarti.

Nos últimos anos, o Brasil passa por um momento de enfraquecimento de sua indústria. Apenas em 2014, o setor encolheu 3,2% e a tendência é que resultado similar se concretize este ano.

Para alterar esse cenário, o diretor da Unicamp defende um aumento dos investimentos federais. "Os 198 bilhões de reais são um bom aceno, mas são insuficientes. Nosso gasto

deveria estar na ordem de 240 bilhões de reais se nos compararmos com os demais Brics [grupo formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul]", afirma.

Segundo ele, o crescimento chinês está apoiado em investimentos de infraestrutura, com produção industrial nacional, que são quatro vezes maiores que os aportes brasileiros.

Não é somente para os Brics que o Brasil perde em investimentos de infraestrutura. "Os atuais 2% do PIB voltados para o setor no Brasil estão abaixo dos 3,6% de investimentos em relação ao PIB no resto do mundo", diz Sarti.

Para ele, o Brasil deve aproveitar o bom momento econômico do agronegócio para aumentar o investimento em infraestrutura dos atuais 13% para 20%. "Com isso, aumentamos a integração regional, diminuimos desigualdades, fortalecemos a indústria, geramos tecnologia, renda e emprego e ainda resolvemos um problema histórico brasileiro".

### **Programa federal de concessões prevê apenas R\$ 11 bilhões para o Paraná**

16/05/2015 – Gazeta do Povo



O Paraná deverá receber pouco mais de R\$ 11 bilhões em investimentos em infraestrutura nos próximos anos, fatia pequena dos R\$ 198,4 bilhões anunciados pelo governo federal, nesta terça-feira (9), na nova fase do Programa de Investimento em Logística (PIL).

A segunda etapa do plano concederá à iniciativa privada a gestão de aeroportos, rodovias, ferrovias e portos.

[INFOGRÁFICO: Veja as obras que serão executadas no Paraná](#)

#### ***Papel relevante***

O governo quer que os bancos privados e o mercado de capitais aumentem sua participação no financiamento às empresas que vão participar dos leilões de rodovias, ferrovias, portos e aeroportos.

Ainda assim, o BNDES continuará a ter um papel relevante.

"Não vai faltar dinheiro", afirmou o ministro da Fazenda, Joaquim Levy. Além do financiamento direto, o BNDES também vai apoiar a emissão de títulos privados, chamados "debêntures", que agora servirão de "senha" para as empresas conseguirem um empréstimo maior do banco de fomento com correção pela Taxa de Juros de Longo Prazo (TJLP), hoje em 6% ao ano.

O financiamento público, no entanto, continuará vantajoso: TJLP mais 1,5% ao ano, além de um adicional referente ao risco de crédito.

Não há nenhum projeto novo para o estado, apenas a confirmação de alguns que já estavam em andamento ou investimentos ligados à renovação antecipada de concessões que já existiam.

É o caso da duplicação da BR-116, que liga Curitiba a Mafra (SC), com investimento previsto de R\$ 2,5 bilhões, e da construção de uma faixa adicional nas rodovias que ligam os dois estados pelo litoral (BRs-101 e 376), no valor de R\$ 900 milhões.

Embora tenham sido anunciados, os dois projetos ainda estão em negociação com as concessionárias que administram os trechos e dependem da renovação dos contratos para acontecer.

Analisando a questão ferroviária do estado, o programa é altamente negativo. De certa forma, tínhamos expectativa que a ferrovia que liga Maracaju ao litoral entrasse.”

Edson Campagnolo presidente da Fiep.

Ainda no modal rodoviário, o projeto do corredor de 460 km formado pelas BR-476/153/282/480, que atravessam Santa Catarina e Paraná, não é novidade.

A concessão já estava em andamento e seria colocada em audiência pública no mês passado, mas teve o andamento suspenso por causa do lançamento do novo plano.

O investimento previsto é de R\$ 4,5 bilhões na duplicação do trecho.

### ***Pacote prevê arrendamento de seis terminais em Paranaguá***

Em portos, o governo prevê investimento total de R\$ 37,4 bilhões, mas o modelo proposto ainda não foi testado. O Porto de Paranaguá aparece no segundo bloco do programa, com o arrendamento de seis terminais, que devem totalizar investimentos de quase R\$ 1 bilhão.

Serão arrendadas áreas voltadas para celulose (R\$ 120,28 milhões), granéis minerais (R\$ 186,73 milhões), veículos (R\$ 54,8 milhões), grãos e açúcar (R\$ 115,49 milhões) e duas exclusivamente para grãos (R\$ 279,42 milhões e R\$ 203,4 milhões). O governo estima que as licitações para essas novas áreas sejam realizadas no primeiro semestre de 2016.

Além das novas concessões em portos, o plano prevê a antecipação da renovação de dois contratos em andamento no Porto de Paranaguá.

Ainda sem detalhes, essa fatia do projeto deve incorporar uma proposta de investimento de R\$ 1 bilhão feita pelo Terminal de Contêineres de Paranaguá (TCP), que ainda está em análise em Brasília.

Além disso, a construção de um porto privado, o chamado TUP, em Pontal do Paraná, também foi incluído, com investimento previsto de R\$ 103 milhões.

“Na parte rodoviária, no que concerne ao Paraná, deixou a desejar. Achávamos que a rodovia Guaíra–Paranaguá seria contemplada, assim como o trecho da BR-163, que vai de Santa Teresa do Oeste até Realeza, por onde passa grande parte do movimento de cargas vindo do norte do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina”, avalia Nilson Camargo, técnico especialista em logística da assessoria técnica da Federação da Agricultura do Estado do Paraná.

## ***Ferrovias e aeroportos***

O governo federal tirou de seus planos imediatos duas ferrovias que passariam pelo Paraná e estavam previstas na primeira versão do programa, lançado em 2012. A continuação da Norte-Sul entre São Paulo e Rio Grande do Sul ainda está no radar, mas só será concedida depois da conclusão dos trechos mais ao Norte. A nova ligação entre Maracaju (MS) e Paranaguá também não apareceu no anúncio.

“Analisando a questão ferroviária do estado, o programa é altamente negativo. De certa forma, tínhamos expectativa que a ferrovia que liga Maracaju ao litoral entrasse. Seria uma grande oportunidade para atrair investidores, mas o governo federal não priorizou”, analisa o presidente da Federação das Indústrias do Paraná (Fiep), Edson Campagnolo.

O governo está negociando a antecipação da renovação das concessões ferroviárias, com investimentos previstos de R\$ 16 bilhões, que podem beneficiar o Paraná. A Rumo ALL já divulgou que tem planos de investir quase R\$ 2 bilhões no estado.

## ***Novo plano desfaz regras controversas da versão anterior***

Depois de ver seu programa de concessões em portos e ferrovias encalhar na prateleira, o governo jogou no lixo o modelo ferroviário lançado em 2011, que não conseguiu sair do papel, e deu um giro de 180 graus na licitação de áreas em portos públicos.

Além disso, ao contrário do que fez no passado, já prometeu, na saída, dar a devida remuneração ao setor privado. “Nós aprendemos conosco e esse programa reflete esse aprendizado”, disse a presidente Dilma Rousseff.

O governo abriu mão do modelo horizontal de concessões em ferrovias que foi uma das estrelas da primeira edição do Programa de Investimento em Logística (PIL). Voltou-se para o modelo vertical, que já está em funcionamento no país.

“Acabou a dúvida regulatória”, disse o presidente da União Internacional de Ferrovias (UIC) na América Latina, Guilherme Quintella.

O modelo abandonado diferenciava o administrador da linha do dono da carga, criando uma figura chamada Operador Ferroviário Independente (OFI).

Para tornar esse modelo viável, o governo havia incumbido a estatal Valec de comprar e vender capacidade de carga da linha, uma fórmula que despertou a desconfiança imediata do setor privado e foi batizada de “risco Valec”.

## ***Taxa de outorga***

Em portos, o governo decidiu que poderá leiloar áreas em portos públicos utilizando como critério para escolher o vencedor o pagamento da maior taxa de outorga. Um decreto assinado por Dilma prevendo essa possibilidade foi publicado nesta terça-feira (9) no Diário Oficial.

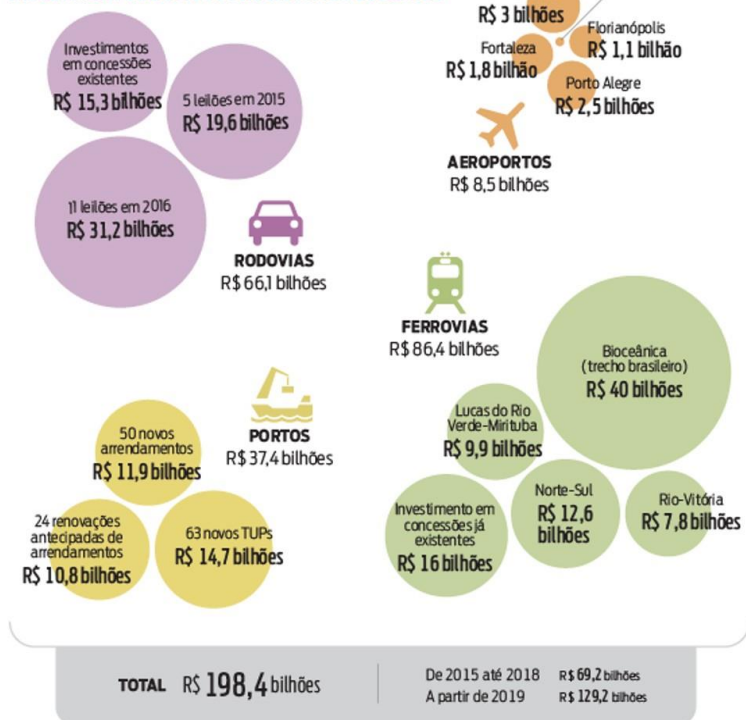
“Adotamos outorga por duas razões: pelo (resultado) fiscal e para aprimorar o modelo”, disse o ministro do Planejamento, Nelson Barbosa. Ele explicou que em alguns casos o setor privado pediu a outorga por considerá-la mais segura.



## SEM NOVIDADES

Programa federal deve trazer pouco mais de R\$ 11 bilhões ao Paraná. Parte dos projetos já estava em andamento ou depende de renovação antecipada de concessões já existentes.

### INVESTIMENTOS DO NOVO PROGRAMA DE LOGÍSTICA



### NO PARANÁ

Grupo	Obra	Valor	Comentário
<b>Rodovias</b>	BRs-476/153/282/480	R\$ 4,5 bilhões	Realização do leilão ainda este ano.
	Duplicação da BR-116	R\$ 2,5 bilhões	Foi anunciada, mas ainda está em avaliação.
	Faixa adicional das BRs-101/376/116	R\$ 900 milhões	Foi anunciada, mas ainda está em avaliação.
<b>Portos</b>	Paranáguá: Arrendamento de seis terminais	R\$ 1 bilhão	Licitado por outorga, com previsão que o certame aconteça no primeiro semestre de 2016.
	Paranáguá: Antecipação da renovação de contratos em andamento	R\$ 1 bilhão	Ainda sem detalhes, essa fatia deve incorporar a proposta de investimento do Terminal de Contêineres de Paranáguá (TCP).
	Pontal do Paraná: Construção do Terminal de Uso Privado (TUP)	R\$ 103 milhões	Empresa responsável pelo terminal é a Subsea 7, que teve problemas com o licenciamento ambiental na área.
<b>Ferrovias</b>	Investimentos em concessões já existentes	R\$ 11 bilhão	O programa não traz números detalhados desta etapa. Rumo ALL já divulgou que deve investir o valor, mas depende da renovação.

Fonte: Redação.  
Infografia: Gazeta do Povo.

**TOTAL** R\$ 11,1 bilhões

## Brasil e Chile debatem acordos bilaterais de comércio e investimento

16/05/2015 – Automotive Business

Representantes dos governos do Brasil e Chile participaram na segunda-feira, 15, de uma reunião para debater acordos bilaterais de comércio e investimentos em cinco setores estratégicos: automotivo, têxtil, alimentos, máquinas e equipamentos e alumínio.

Realizada na capital chilena Santiago, a reunião foi liderada pelo secretário executivo do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), Ivan Ramalho, cuja delegação contou com dirigentes destes cinco setores.

“O fórum bilateral é muito importante. Nesses encontros nós conseguimos identificar entraves, resolver problemas pontuais e promover o comércio”, explica Ramalho, que também ressaltou a importância da participação do setor privado nas reuniões bilaterais.

“A discussão entre privados é muito efetiva. Conseguimos avançar muito quando as partes interessadas acompanham as reuniões”.

Entre as demandas da reunião, que focou na relação comercial e os avanços alcançados desde o último encontro, os chilenos pediram apoio do Brasil à incorporação do novo acordo aduaneiro como novo protocolo adicional ao Acordo de Complementação Econômica (ACE-35), que estabelece as normas sobre o intercâmbio de mercadorias entre os países do Mercosul.

## **AJUDA QUE VEM DE FORA**

Os avanços em acordos bilaterais têm sido a salvação para as exportações de veículos do Brasil. Em seu último encontro com a imprensa para divulgar os resultados de mercado sobre o acumulado do ano até maio, Luiz Moan, presidente da Anfavea, comemorou a conclusão do acordo com estabelecido com o México, que prevê mais quatro anos de cotas de importação e cuja demanda quase dobrou nos cinco primeiros meses do ano.

O executivo também lembrou das negociações em andamento com a Argentina, cujo acordo automotivo vence neste mês e que deve ser renovado, conforme a expectativa da Anfavea. Moan também ressaltou o diálogo que a entidade procura manter, via governo, com a Colômbia e o Equador, além do próprio Chile

## **Banco VW conclui emissão de R\$ 500 milhões em letras financeiras**

16/05/2015 – Automotive Business

O Banco Volkswagen concluiu a emissão de R\$ 500 milhões em letras financeiras (LFs) no mercado nacional, cujo volume de ofertas chegou a R\$ 2,48 bilhões, a maior demanda recebida desde que a instituição começou a oferecer o produto. Sobre o volume emitido em 2014, houve aumento de 40%, informa o banco em comunicado divulgado na segunda-feira, 15.

Segundo a instituição, 28 investidores enviaram propostas para a transação, a maior quantidade já registrada pelo banco para este tipo de operação, segundo consta em seu livro de ofertas (bookbuilding).

Com prazo de dois anos, os papéis renderão juros equivalentes a 105,4% do certificado de depósito intercambiário (CDI), considerada pelo banco a menor taxa alcançada desde que iniciou este tipo de captação, há 4 anos.

“O fato de o volume de ofertas e investidores ter sido recorde mostra que o mercado confia e aposta na solidez do Banco Volkswagen, mesmo em um cenário economicamente adverso”, afirma Rafael Teixeira, diretor-executivo e CFO da Volkswagen Serviços Financeiros.

O executivo explica que a captação de recursos por meio de LFs faz parte da estratégia para diversificar o funding da instituição, uma vez que garante maior sustentabilidade às suas operações.

“São alternativas sólidas de financiamento, pois permitem a captação a um custo mais competitivo e, conseqüentemente, taxas mais atrativas para o cliente final”.

Criada em dezembro de 2009, as letras financeiras são títulos emitidos por instituições financeiras que consistem em uma promessa de pagamento. A modalidade apresenta

prazo mais longo do que o CDB (certificado de depósito bancário), a partir de seu tempo mínimo de resgate de capital, que é de dois anos.

Os títulos receberam incentivos para sua emissão, permissão de realização de oferta pública e isenção de recolhimento de compulsório junto ao Banco Central.

## **Vendas globais da Audi têm alta de 4,3%**

16/05/2015 – Automotive Business



Os negócios globais da Audi evoluíram 4,3% entre janeiro e maio deste ano na comparação com igual intervalo de 2014. A companhia vendeu 744,9 mil veículos no mundo no período.

Enquanto a demanda do mercado chinês desacelerou e ficou em 3,7%, as Américas foram responsáveis por puxar o crescimento da marca no período. Os emplacamentos da montadora alemã avançaram 11,7% nos Estados Unidos, para 75,3 mil carros.

Embora ainda represente volume pequeno, o Brasil mostrou o crescimento porcentual mais expressivo. Os negócios locais da Audi tiveram incremento de 32,7% e somaram 7,1 mil veículos.

Em seguida, como maior avanço, aparece o México com evolução bem menos significativa, de 4,7%, com o emplacamento de 5,3 mil unidades.

Na Europa a expansão foi tímida, de 2,2% para 348,2 mil emplacamentos. O volume foi puxado pela demanda da Alemanha, onde a empresa entregou 123,5 mil automóveis. No balanço global da Audi a Rússia apresentou o pior resultado, com queda severa de 32,2%, para 10,1 mil carros.

Comunicado distribuído pela companhia destaca a boa performance do TT no mercado em maio.

“Nos próximos meses esperamos ver incremento adicional com o novo Q7. O carro chegará às concessionárias europeias em junho”, acredita Luca de Meo, do conselho diretivo de vendas e marketing da Audi AG.

“Estamos observando atualmente um grande número de desenvolvimentos contrastantes nos mercados: o boom dos SUVs é, porém, uma tendência global uniforme”, avalia.

## **Brasil ajuda a derrubar comércio, diz OMC**

16/05/2015 – Valor Econômico

Assis Moreira A forte queda de importações de grandes economias como Brasil, Rússia, União Européia (UE) e Japão entre janeiro a abril prenuncia um comércio mundial mais fraco no começo do ano. Taxas de câmbio e preços.

De commodities são responsáveis por grande parte da fraqueza. É o que sublinham três entidades internacionais Organização Mundial do Comércio (OMC), Organização para Cooperação e Desenvolvimento.

Econômico (OCDE) e Agência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (Unctad) - em relatório submetido ao G-20.

No Brasil, as exportações nos primeiros quatro meses do ano declinaram 18,1 % em relação ao mesmo período de 2014, segundo dados do governo, ilustrando a contração da economia este ano.

Contudo, a OMC mostra também que o Brasil perdeu para a Índia o posto de país que mais abre investigações no mundo contra importações supostamente com preços desleais, entre outubro de 2014 e abril deste ano.

A avaliação geral do relatório é que no último semestre, até maio, as principais economias aplicaram menos medidas restritivas ao comércio internacional.

Produtos siderúrgicos continuam a sofrer a maior parte das investigações antidumping, principalmente os vindos da China.

A OMC cita projeção do CPB, o Escritório de Análise Econômica da Holanda, de que o volume do comércio mundial pode ter contraído 1,5% no primeiro trimestre em ante o mesmo período de 2014.

E estima que a grande flutuação nos preços das matérias-primas e no câmbio tomaram as perspectivas globais mais incertas.

O dólar, principal moeda das trocas internacionais, valorizou 10% na média contra as divisas de seus principais parceiros comerciais em um ano. O euro por sua vez desvalorizou 17%, e o yen japonês, 17%.

Já o cambio entre dólar e yuan chinês quase não foi mudou.

A OMC qualifica de "impressionante" que os emergentes tenham contribuído menos do que desenvolvidos na demanda de importações entre o terceiro trimestre de 2013 e de 2014.

Mas, no quatro trimestre, a maior queda veio nas importações de economias desenvolvidas, em parte por causa da conversão do euro em dólar.

## **Visteon conclui venda de sua participação de 70% na HVCC**

16/05/2015 – Valor Econômico

A Visteon conclui a venda dos 70% de participação que mantinha da HVCC, Halla Visteon Climate Controls, especializada em sistemas de climatização, pelo valor de US\$ 3,6 bilhões, conforme já havia anunciado em dezembro de 2014.

A maior parte, de 50,5%, foi adquirida pelo fundo de private equity Hahn & Company, enquanto os 19,5% restantes passaram para as mãos da Hankook Tire, fabricante coreana de pneus.

Nascida em 2013 com a integração das operações de sistemas de climatização automotiva da Halla e a Visteon, a primeira fábrica da HVCC no Brasil é um dos resultados dessa fusão.

Inaugurada em agosto de 2014 em Atibaia (SP), a unidade produz módulos HVAC, sigla em inglês para aquecimento, ventilação e ar-condicionado. Com a filial brasileira, a companhia alcança a marca de 35 plantas em 19 países.

Já a Visteon, com o fim da transação, torna-se um fornecedor da indústria automotiva puramente focado em tecnologia eletrônica para veículos e soluções de conectividade e infoentretenimento.

"Com o um forte portfólio de produtos eletrônicos e com uma base de clientes diversificada e de presença global inigualável, estamos focados e bem posicionados para apoiá-los na nova era do veículo conectado", disse Francis Scricco, presidente do conselho da Visteon.

A empresa aproveitou o anúncio para reforçar seu plano de retorno de capital dos acionistas que deverá ser executado a partir do segundo semestre deste ano. A Visteon espera o retorno de US\$ 2,5 bilhões a US\$ 2,75 bilhões ao longo dos próximos 12 meses por meio de uma série de ações, incluindo a recompra de ações e distribuições especiais, esta última a partir de 2016.

A primeira ação prevista é um programa de recompra acelerada de ações a ser executado até 31 de dezembro deste ano, no valor limitado a US\$ 500 milhões, uma vez que devido ao impacto negativo que um programa de retorno de capital exerce sobre a mudança no cálculo de controle, as taxas e tributos do período podem exceder US\$ 1 bilhão.

## **Painéis solares flexíveis são vendidos por metro**

16/05/2015 – Valor Econômico

Engenheiros da Escola Politécnica de Zurique (ETH), na Suíça, inauguraram a planta-piloto de uma fábrica de painéis solares flexíveis com uma tecnologia que promete baixar muito o preço da energia solar.

As células solares são do tipo "filme fino", compostas por componentes que são aplicados na forma de tinta sobre uma folha de plástico flexível.

As células solares propriamente ditas são feitas de uma liga semicondutora de cobre-índio-gálio-(di)selenieto - por isso conhecidas como células solares CIGS.

Desta forma, os painéis são fabricados em um processo contínuo, conhecido como rolo a rolo - o processo de alta velocidade é em tudo similar à forma como são impressos jornais ou revistas.

A planta-piloto foi inaugurada pela empresa emergente Flisom, fundada pelos pesquisadores com suporte do governo suíço e com investimentos privados. A fábrica tem 4.500 metros quadrados, com uma capacidade de produção o de 15 MW (megawatts) de painéis solares, na forma de rolos de um metro de largura.

### **Células solares CIGS**

Desde 2011, a equipe do professor Ayodhya Tiwari vem batendo recordes de eficiência com as células solares CIGS.

Agora, já como empresário, Tiwari afirma esperar fabricar painéis solares flexíveis com custos abaixo de € 0,35/Wp (potência de pico). Com um custo mais baixo de instalação do que os painéis solares rígidos de silício, isso significaria custos de € 0,6/Wp de capacidade instalada.

As células solares flexíveis são fabricadas em módulos de 5 x 5 centímetros, e apresentam uma eficiência geral de conversão da luz solar em eletricidade de 16,7%.

Os painéis solares flexíveis podem ser colados sobre diversos tipos de superfície, incluindo bases rígidas, o que significa que eles podem substituir os painéis solares tradicionais, feitos com células solares de silício.

## **Fiesp vai à Justiça para evitar aumento da conta de água**

16/05/2015 – Valor Econômico

Em meio ao ajuste fiscal e próximo à votação do Projeto de Lei da Desoneração da Folha de Pagamento, a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) entrará com pedido de medida liminar contra a Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp) e contra a Agência Reguladora de Saneamento e Energia do Estado de São Paulo (Aesesp) na tentativa de conseguir uma decisão judicial para rever o aumento da conta de água no Estado.

O presidente da Fiesp, Paulo Skaf, afirmou nesta sexta-feira (12), que a entidade espera conseguir um parecer favorável da Justiça e que os prazos dependem do Judiciário.

"Temos a expectativa de conseguir uma decisão judicial para evitar aumento na conta de água depois deste desconforto vivido com a falta e com o racionamento de água no Estado", disse.

De acordo com a Fiesp, o aumento médio da conta é de 15% e contempla 7,78% do reajuste anual previsto. A entidade entende que a revisão na tarifa é extraordinária e que inclui custos da elevação da energia elétrica e da crise hídrica vivida no País no início do ano.

A Fiesp também critica a falta de investimentos por parte da Sabesp e afirma que a empresa "está querendo reajustar sua margem de lucro nesse momento sensível de estiagem".

A Fiesp entrará com pedido da liminar nesta sexta-feira, 12, no Fórum da Fazenda Pública de São Paulo.

## **Volvo Financial Services anuncia novo presidente no Brasil**

16/05/2015 – Valor Econômico



A Volvo Financial Services, braço financeiro do Grupo Volvo, anuncia seu novo presidente no Brasil: Ruy Meirelles assume o cargo no lugar de Márcio Pedroso, designado para a presidência da Volvo Financial Services Americas, nos Estados Unidos, a quem Meirelles se reportará. Na direção do setor financeiro da instituição há seis anos, Meirelles passa a responder por todas as atividades relacionadas ao financiamento de produtos para clientes em todas as áreas do grupo no País.

“É um grande desafio. Vou trabalhar para contribuir ainda mais com o sucesso já alcançado pela equipe da Volvo Financial Services Brasil.

Nosso objetivo é manter o foco na expansão dos negócios do Grupo Volvo no mercado brasileiro apoiando a organização e a nossa rede de concessionários e distribuidores. O mercado está sempre mudando. Por isso temos que buscar melhorias contínuas”, diz o novo presidente.

Ele ficará sediado em Curitiba (SP), sede na Volvo no Brasil, e também representará a Volvo Financial Services no Country Management Team do Grupo Volvo América Latina.

Na empresa desde 2008, o executivo, além da área financeira, foi responsável pelo segmento de crédito e de tecnologia da informação (TI). Graduado em Economia pela Unicamp, possui MBA em Administração pela Fundação Getúlio Vargas e pela FIA, da USP.

### **IGP-10 acelera alta a 0,57% em junho por preços no varejo**

16/05/2015 – Valor Econômico

O Índice Geral de Preços-10 (IGP-10) subiu 0,57 por cento em junho após alta de 0,52 por cento no mês anterior, com aceleração da alta nos preços no varejo, destacadamente do item jogos lotéricos.

A Fundação Getúlio Vargas (FGV) informou nesta terça-feira que o Índice de Preços ao Consumidor-10 (IPC-10), que responde por 30 por cento do índice geral, acelerou a alta a 0,80 por cento, após de 0,57 por cento no mês anterior.

O destaque, segundo a FGV, ficou para o grupo Despesas Diversas, cujos preços subiram em junho 4,35 por cento contra 0,61 por cento no mês anterior.

Nesta classe de despesa, somente o item jogo lotérico teve avanço de 38,39 por cento, contra estabilidade em maio.

Já o Índice de Preços ao Produtor Amplo-10 (IPA-10), que mede a variação dos preços no atacado e responde por 60 por cento do índice geral, avançou 0,34 por cento, contra alta de 0,53 por cento em maio.

Por sua vez, o Índice Nacional de Custo da Construção-10 (INCC-10) registrou alta de 1,48 por cento em junho, ante 0,37 por cento em maio.

O IGP-10 calcula a variação dos preços entre os dias 11 do mês anterior e 10 do mês de referência.

### **Itaú aposta em títulos da CSN, apesar de perspectivas ruins**

16/05/2015 – Exame



O Banco Itaú BBA SA não hesita em reconhecer que as coisas provavelmente ficarão piores para a siderúrgica mais endividada do Brasil. Mas isso não impediu o banco de eleger os bonds da empresa como uma de suas principais escolhas. Os títulos da Cia. Siderúrgica Nacional SA já mais do que refletem o panorama obscuro para a empresa,

mesmo com a perspectiva de aumento da dívida e de baixos preços para o aço, disse Soummo Mukherjee, analista do Itaú.

Seus US\$ 1,2 bilhão em notas para 2020 têm um yield 2,7 pontos percentuais maior que outras dívidas com classificação similar.

“Os níveis nos quais os bonds estão sendo negociados estão fora da curva e apresentam uma boa oportunidade de compra”, disse Mukherjee, por telefone, de Santiago, Chile.

Com a recessão no Brasil diminuindo a demanda pelo aço, a CSN, que tem sede em São Paulo, disse em maio que o lucro, excluindo itens especiais, encolheu 37 por cento no primeiro trimestre.

A Fitch Ratings reduziu a nota de crédito da CSN na sexta-feira -- terceiro rebaixamento da empresa neste ano - citando uma alavancagem que atualmente é a mais alta em pelo menos 12 anos.

A agência de classificação manteve a perspectiva negativa para a avaliação BB, dois níveis abaixo do grau de investimento.

A assessoria de imprensa da CSN preferiu não comentar sobre seus bonds e a perspectiva para a empresa.

Os bonds da empresa têm um yield de 9,8 por cento, contra uma média de 7,1 por cento para dívidas que compartilham o rating BB da CSN.

A siderúrgica também está sendo negociada com um desconto muito grande em relação aos seus pares da indústria brasileira, segundo Mukherjee. As notas da CSN rendem 3 pontos percentuais a mais que as da Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais SA (Usiminas), de classificação similar.

A Mizuho Securities Co. ainda diz que os bonds não são atrativos porque a CSN enfrenta muitas adversidades.

## **Dívida aumenta**

“Embora o yield seja atrativo, nós não prevemos muito aumento de preço”, disse John Haugh, estrategista da Mizuho para a América Latina, por e-mail.

“Nós esperamos resultados mais baixos dos negócios domésticos da empresa e de suas operações de minério de ferro. Isso se traduzirá em lucros mais baixos pelo restante de 2015 e na deterioração das métricas de crédito”.

A CSN disse no mês passado que sua dívida líquida subiu para R\$ 20 bilhões (US\$ 6,4 bilhões) no primeiro trimestre, empurrando a alavancagem para 4,85 vezes o lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização.

Enquanto isso, os preços do minério de ferro estão 66 por cento abaixo de seu pico, em 2011.

“Há expectativa de que a alavancagem deve subir, os preços do minério de ferro não devem se recuperar e o mercado de aço no Brasil continuará sendo difícil”, disse Mukherjee, do Itaú.

“É um cenário desafiador. Mas o downside é limitado.”



## **Executivos brasileiros são os mais pessimistas, aponta pesquisa**

16/05/2015 – DCI

A percepção dos empresários em relação ao Brasil continua piorando. A pesquisa Panorama Global dos Negócios, conduzida pela Fundação Getulio Vargas (FGV), pela Duke University e pela CFO Magazine, mostra que, numa escala de 0 a 100, o otimismo dos diretores financeiros (CFOs) do País com a economia é de 35,7 pontos no trimestre.

O resultado do levantamento é o mais baixo da série história, que teve início em 2012. Na última leitura, o otimismo estava em 40,6.

A pesquisa também apontou os brasileiros como os mais descontentes com a economia. Na Ásia, local mais otimista, o indicador está em 63,1. Na sequência, aparecem Estados Unidos (62,9), Europa (60,4), América Latina (57,4) e África (44,4).

Há dois indicadores bastante preocupantes identificados pela pesquisa que justificam a piora de humor entre os brasileiros: emprego e investimento.

No mercado de trabalho, segundo o levantamento, os CFOs projetam uma queda de 6,6% para o emprego permanente nos próximos 12 meses. No trimestre anterior, a projeção era de um recuo de 0,8%. A pesquisa também captou um recuo na projeção do emprego temporário (4,2%) e terceirizado (9,6%).

Já os investimentos deverão ter uma redução de 8,3% neste trimestre - um número pior do que o apontado na leitura dos primeiros três meses do ano, quando a redução esperada era de 0,8%.

Nesse setor, as principais quedas deverão ser registradas em pesquisa e desenvolvimento (7,2%) e em publicidade e marketing (7,4%).

"A projeção do emprego e do investimento mostra que os executivos estão enxergando um cenário muito difícil pela frente", afirma Gledson de Carvalho, professor da FGV e um dos autores do estudo. A pesquisa também teve a participação do professor Klenio Barbosa.

Na avaliação de Carvalho, os resultados da pesquisa para o trimestre indicam que a retração esperada para a economia tende a ser maior do que a previsão.

"Com base nos números que estamos vendo, a retração da economia tende a ser pior do que a projetada", afirma. No relatório Focus, divulgado ontem pelo Banco Central, os analistas consultados esperam um recuo do PIB de 1,35% em 2015.

O levantamento foi concluído em 5 de junho e foram entrevistados 1 mil executivos de todo o mundo, sendo 32 brasileiros. As informações são do jornal O Estado de S. Paulo.

## **A China vai importar mais minério de ferro em 2015**

16/05/2015 – Geólogo

Como vem sendo debatido constantemente no Portal do Geólogo o cenário do minério de ferro não é tão assustador como muitos analistas pintam.

Com a recente guerra do minério de ferro muitos mineradores tiveram que fechar minas e projetos em quase todos os cantos do mundo. Até o momento não existem números fidedignos sobre o assunto, mas sabe-se que, só na China, muitas minas foram fechadas.

Na Índia, onde o PIB crescerá 7% em 2015, o minério de ferro não mais está sendo exportado, já que o mercado interno é grande consumidor.

Em função destas mudanças na paisagem da commodity o volume de minério de ferro que deixará o mercado em 2015 e 2016 é tido por muitos como superior a 300 milhões de toneladas.

A consequência óbvia deste cenário é que a China, com estoques baixos, vai ter que importar mais para suprir a ausência do minério chinês mantendo os preços nos patamares atuais.

Este é, também, o que o CEO da Vale Murilo Ferreira, acredita. Segundo Ferreira, em conferência na Fundação Getúlio Vargas, o mercado de minério de ferro ainda deverá crescer 3,5% em 2015.

Ferreira acredita que o segundo semestre na China será melhor que o primeiro, graças aos estímulos, reduções de taxas e dos depósitos compulsórios. Ele diz que a produção do minério chinês de qualidade deverá cair de 350Mt para abaixo de 200Mt, o que obrigará a China a comprar mais minério no mercado.

Este cenário de curto médio prazo está em sintonia com os preços do minério de ferro que continuam em alta: o 62% Fe fechou, no Porto de Tianjin a US\$65,10, o maior preço desde janeiro.

### **Canadense MBAC pode falir: causas judiciais somam mais de US\$16,6 milhões**

16/05/2015 – DCI

A MBAC Fertilizer, dona do projeto de fosfato no Tocantins, Itafós está enfrentando um sério divisor de águas. De um lado a mineradora avalia propostas de financiamento e do outro é pressionada por duas causas judiciais que podem zerar o valor da empresa.

A canadense já vem tendo sérios problemas de falta de liquidez gerados pelo descompasso entre as suas vendas e os preços em queda dos fertilizantes. Em 2013 ela se endividou em US\$50 milhões. Suas ações, desde então, saíram de \$3.91 para \$0,065: pulverizaram.

Sem caixa a empresa busca novos financiamentos, cuja viabilidade pode estar completamente comprometida com as duas causas judiciais atuais.

De um lado, a Prefeitura de Arraias está processando a MBAC por não pagamentos de impostos. Segundo a prefeitura a empresa deve, entre ISS não recolhido, correções, taxas e multas, o equivalente a US\$3.5 milhões.

Do outro, a MBAC está com vários processos trabalhistas que totalizam mais de US\$13.1 milhões. A maioria é relacionado às demissões feitas no passado. Descapitalizada, a MBAC não poderá fazer frente a esses pagamentos e a empresa cujo valor de mercado é de apenas US\$20 milhões, corre o risco de desaparecer.

### **Vale em Moçambique adota prática sustentável em suas operações**

16/05/2015 – Brasil Mining

Cuidar do meio ambiente é um compromisso assumido pela Vale em suas operações ao redor do mundo e em Moçambique não poderia ser diferente. Nas operações de logística na Beira, foi instalado recentemente um sistema para reciclagem de óleo usado nas

locomotivas. Isto significa uma redução de desperdícios e conseqüentemente a preservação do solo e da água na região.

Este processo contribui para a redução de matérias-primas derivadas do petróleo, utilizados na fabricação de óleos lubrificantes. O óleo recolhido nas operações é encaminhado para um reservatório, onde é posteriormente recolhido por uma empresa especializada na gestão de resíduos e responsável pela reciclagem do material.

### **Saiba mais sobre os resíduos de óleo**

O óleo lubrificante usado, derramado no chão pode contaminar as fontes naturais de água. Além disso, se entra na rede de esgotos, torna inviável o tratamento da água. Se descartado no meio ambiente, o óleo permanece por décadas, contaminando o solo e o tornando inutilizável para a agricultura.

Apenas 1 litro de óleo usado pode contaminar 1 milhão de litros de água, uma quantidade que uma única pessoa leva 14 anos para consumir.

### **No Brasil**

No Complexo Minerador de Carajás, no Brasil, a Vale também iniciou um processo de reciclagem de mais da metade do óleo lubrificante usado nas operações. Em 12 meses, mais de 1 milhão de litros de óleos serão regenerados – 55% do total anual consumido na mina de Carajás.

## **Montadoras paralisam metade das fábricas**

16/05/2015 – Valor Econômico

Os ajustes de produção na indústria automobilística, que vêm se intensificando desde dezembro, atingem agora um de seus pontos mais altos. Diante do agravamento da crise, metade das fábricas de carros, caminhões e ônibus parou ou ainda vai parar entre junho e julho por períodos que vão de uma semana a quase um mês inteiro. Essas paralisações atingem 15 das 29 fábricas de veículos do país.

Entre elas, a General Motors (GM), segunda maior montadora em vendas no mercado brasileiro, não vai fabricar um carro sequer entre esta e a próxima semana. Ontem, as duas unidades do grupo até então ativas – São José dos Campos (SP) e Gravataí (RS) – entraram em férias coletivas, juntando-se assim ao parque industrial da companhia no ABC paulista, que está parado desde o início do mês.

Em São José, a produção da picape S10 e do utilitário esportivo TrailBlazer só volta no dia 1º de julho, enquanto nas demais fábricas de automóveis da GM – bem como nas de motores, em Joinville (SC), e de componentes estampados, em Mogi das Cruzes (SP) – as atividades serão retomadas dois dias antes, em 29 de junho.

Desde o início do mês, a produção de veículos já tinha sido totalmente interrompida em dez fábricas de nove montadoras: Mercedes-Benz – tanto em São Bernardo do Campo (SP) como em Juiz de Fora (MG) –, Scania, Ford, Fiat, Iveco, Caoa (fabricante de utilitários da Hyundai em Goiás), Agrale, Mitsubishi e PSA Peugeot Citroën.

Desse grupo, estão no momento paradas as linhas da Peugeot Citroën – cujas férias coletivas de três semanas também começaram ontem –, da Caoa e da Agrale, assim como o setor de caminhões pesados da Iveco, que tem retorno previsto para quinta-feira.

Já na semana que vem, a Nissan vai dar início, na quarta-feira, às férias coletivas que vão parar a produção da marca em Resende (RJ) até 12 de julho. Também estão programadas férias na fábrica da Hyundai em Piracicaba (SP) – entre 2 e 12 de julho – e na Scania, a partir de 29 de junho, com retorno previsto para o dia 13 de julho. Nas duas empresas, porém, o recesso foi anunciado como parada tradicional de meio de ano.

No caso da Scania, as férias serão dadas após a fabricante de caminhões suspender a produção na última sexta-feira e durante toda a semana do feriado de Corpus Christi.

Além da forte contração da demanda doméstica, as montadoras reduzem drasticamente a atividade das linhas de montagem na tentativa de normalizar os estoques de veículos parados nos pátios de fábricas e concessionárias.

Mas mesmo com a produção voltando a níveis de oito anos atrás, o encalhe segue alto, com volume de veículos suficiente para 51 dias de venda, quando o ideal seria reduzir isso para um giro mais próximo de 30 dias.

Números referentes a maio indicam que o setor está operando com uma ociosidade de 41%, tendo-se em conta a capacidade instalada de 4,5 milhões de veículos por ano divulgada pela Anfavea, a entidade que abriga as montadoras instaladas no país.

O percentual, contudo, pode variar porque não há uma conta precisa sobre a capacidade instalada dessa indústria após linhas serem abertas e fechadas nos últimos meses. A própria Anfavea está refazendo seus cálculos.

Nas estimativas da Tendências, o potencial de produção passa de 5 milhões de veículos com as fábricas inauguradas desde o ano passado por grupos como Fiat Chrysler, Nissan, Chery e BMW. Assim, a consultoria calcula em mais de 50% a ociosidade da indústria automobilística em 2015, repetindo o patamar da crise de 1999.

## **Fiat dará férias coletivas para 12 mil funcionários**

16/05/2015 – Valor Econômico

Depois de várias paradas técnicas e férias coletivas, a Fiat Automóveis vai conceder novamente férias coletivas para os funcionários da planta de Betim, na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), no próximo mês.

Desta vez, a medida vai atingir 12 mil trabalhadores da produção e da área administrativa, com início programado para 1º de julho e duração de dez dias. O objetivo da montadora é "ajustar a produção à demanda de mercado".

Diante do cenário de desaquecimento da economia e das sucessivas quedas nas vendas de automóveis em todo o país, a Fiat vem intensificando ações para ajustar a produção e amenizar os prejuízos, como paradas técnicas e férias coletivas.

Apesar disso, o ritmo de demissões, conforme o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Betim, Igarapé e São Joaquim de Bicas, João Alves de Almeida, continua "dentro da normalidade".

Mesmo assim Almeida confirmou que a Fiat já comunicou que recorrerá a novas férias coletivas. "Já comunicou, mas não informou de quantos dias será a paralisação ou quantos trabalhadores ela envolverá", disse o representante dos trabalhadores da montadora.

Ainda no começo deste mês, sob a mesma justificativa de ajustar a produção à demanda, a Fiat suspendeu as atividades na unidade de Betim, promovendo uma parada técnica que começou no feriado de Corpus Christi, no dia 4, e foi até o dia 12. A paralisação afetou a maior parte dos 18 mil funcionários da montadora.

Menos de um mês antes, a partir do dia 11 de maio, a montadora concedeu férias coletivas para aproximadamente 2 mil funcionários. A medida teve duração de 20 dias e, conforme informado à época, o objetivo era novamente ajustar a produção à demanda.

Além de já não estar operando nos fins de semana, uma vez que a Fiat cortou as atividades aos sábados, quando os operários trabalhavam em regime de horas extras, a montadora realizou uma parada técnica na unidade da RMBH no feriado de Tiradentes. A medida durou do dia 15 ao dia 21 de abril.

Antes, em função do feriado do dia 3 de abril, da Semana Santa, a produção da montadora foi suspensa também nos dias 1º e 2 daquele mês. Em março, a Fiat já havia concedido um período de 20 dias de férias coletivas para cerca de 2 mil operários da plataforma de Betim.

Além disso, a empresa prolongou a parada prevista para o Carnaval. Entre o Natal e o Ano Novo, a Fiat concedeu férias coletivas para cerca de 15 mil funcionários. Somente permaneceram no trabalho equipes das áreas de manutenção e segurança.

Com a medida, cerca de 12 mil veículos deixaram de ser produzidos nos quatro dias úteis de paralisação da montadora de Betim.

Conforme já publicado, a suspensão das atividades da planta tinha o objetivo de racionalizar a produção, num momento de estoques em níveis elevados, além de manutenção nas linhas produtivas.

Em razão da demanda mais fraca no ano passado, a montadora deixou os trabalhadores em férias coletivas por 47 dias, período que emendou com as paradas durante os jogos da Copa do Mundo.